



TERRITÓRIO E LUTA DO POVO GUARANI

9



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

ALDEIA JAGUARI -
COCALINHO/MT



PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Fascículo N° 9 Março 2019

Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguari, Cocalinho - MT /

Coordenação Geral do Projeto
**Conflitos Sociais e Desenvolvimento
Sustentável no Brasil Central**

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA)
Jurandir Santos de Novaes (UFPA)
Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)
Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA/
UEMA)

Equipe de Pesquisa

Antonio João Castrillon Fernández
João Ivo Puhl
Solange Ikeda Castrillon
UNEMAT - PNCSA

Relação dos Participantes da Oficina

Urbano Pereira da Silva
Rosalina Carmem da Silva
Edson Carneiro da Silva
Anderson Carneiro da Silva
Jaqueline Carneiro Félix

Cartografia

Antonio João Castrillon Fernández

Projeto Gráfico

Marcela Costa de Souza



**Oficinas de Mapa realizadas no município de
Cocalinho/MT (07 de abril de 2018) e no município de
Barra do Garças/MT (17 e 18 de julho de 2018).**

FICHA CATALOGRÁFICA

T326 Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguari, Cocalinho - MT / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 09 (Mar. 2019) / Coordenação da pesquisa: Antônio João Castrillon Fernández, João Ivo Puhl e Solange Ikeda Castrillon... – Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-508-8

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Fernández, Antônio João Castrillon.

CDU: 528.9:39

(Elaborada por: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)



Urbano Pereira da Silva – Aldeia Jaguari, Cocalinho-MT. (Arquivo Família Urbano P. Silva)

Sou índio guarani.

Sou índio guarani. Meu pai e minha mãe eram guarani. O meu pai chamava André Pereira da Silva e a minha mãe Margarida Pereira dos Santos, Margarida. Os dois eram Guarani. Quando o meu pai casou já morava na aldeia. Ele conheceu a minha mãe na aldeia. Eles moravam juntos, na mesma aldeia. Casou lá mesmo e aí formou essa família lá.

Eu nasci mesmo em Jussara, Goiás, em 1950. Hoje estou com 68 anos. Nós éramos 05 irmãos homem. O José mais velho, o Bastião também. Depois de eu, morreu dois irmãos meus lá, onde nós morávamos. Eu sou o do meio. Ai tem a Domingas, a Mocinha e Maria. Três mulheres e cinco homens. Todos nasceram na aldeia, lá na Jaguari. O meu pai já morava na aldeia quando eu e meus irmãos nascemos. Tudo já morava na aldeia. (Urbano, 2018).

Os meus pais moravam na beira do rio Moía-Mala. Minha mãe era Ambrosia e meu pai Alfredo. Quando casei fui morar com ele [Urbano] na casa dele que ficava uns nove (9 Km) quilômetro retirado. Lá no nosso lugar morava os meus irmãos, os meus tios. Lá tinha seis casas, a casa do tio Tonho, que era irmão da minha mãe. A Clarinda, irmã da minha mãe. A casa do meu irmão o Valdo, no documento dele é Deuclices. O Valdir, filho. Neci, filho. Izaurina, filha. Gerson, filho. Todos tinham casa Ondina, filha. (Rosa, 2018).

Trajatória do Paraguai ao Cocalinho-MT

Meu pai dizia que saíram do Paraguai em 1912 um bocado de gente. Ele contava que saiu de lá porque teve briga com os brancos e aí eles saíram, vieram para cá, com a família, com o pai dele, chegaram aí.

Ele veio rodando com os pais de lá para cá, pois ainda era menino. Passou por Cuiabá, depois passou por Goiás, Jataí; de Jataí veio para Cocalinho. Primeiro chegou na Aruanã, de Aruanã passou para Mato Grosso de novo, para Cocalinho em 1935.

Ele foi para o Moiamala e começou a trabalhar nessa terra. Vieram procurando melhora, isso que ele falava. O córgo lá, nós chama ele de córgo do Lambari, na aldeia Jaguari. Tem um sinal lá que nós moramos na Água Preta também.

Meu pai andava muito. Ficava um ano em um lugar e depois saía procurando um lugar para ficar, caçar melhora, até que acharam aquele lugar lá. Ele falou que tinha uns índios lá, mas quando ia encontrar com eles, eles corriam deles. Ia conversar com outros índios que conheciam a língua deles. Diz que era brabo os índios. Eles largaram o lugar lá e meu pai ficou lá. Diz que aqueles índios nunca mais voltaram lá não...

Quando chegaram no Jaguari eram 18 pessoas que moravam lá com eles. Eram 18 famílias... Perto da minha casa tinha três casas que me lembro, do meu tio João, tio Júlio que morava lá também, era irmão da minha mãe. Dorico também morava lá, irmão do tio João. Morava o Raimundo lá também, que era casado com a minha tia, irmã da minha mãe, a Benedita. Lá perto da gruta tinha gente lá também. Eu não lembro o nome, mas é o povo do meu povo. Tinha também a casa do Venaldo, que era irmão do meu pai.

Naquela época (1935-1970) não tinha ninguém lá. O que tinha lá era só bicho. Quando eles chegaram não tinha ninguém.

Até 78 não tinha branco, ninguém lá. A partir de 1978 para cá é porque a estrada passou lá. Aí a força começou a entrar lá também... Antes, quando nós falava que não era para entrar ali, eles não entrava não, respeitava nós. Ninguém entrava lá não. (Urbano, 2018).

A vida nas aldeias: Água Preta e Moiamala

Lá tinha duas aldeias de índio. Uma na Moiamala e a outra lá na frente, na Água Preta. A aldeia mais antiga era da Água Preta. Uma ficava distante da outra, dezesseis quilômetros do Moiamala na Água Preta. Mas tudo era Jaguari mesmo. A Água Preta era maior, com mais famílias. No Moiamala morava meus irmãos, minhas irmãs, os maridos das minhas irmãs, o Zé morava lá. Mas nós, considerava a aldeia mais na Moiamala... tinha mais gente na Água Preta, mas nós gostávamos mais da Moiamala. (Rosa, 2018).

A nossa área era de 1.500 alqueires. Ela começava lá na Água Preta. A nossa terra era toda cercada. Quando nós fomos para lá não tinha ninguém, ninguém, morador nenhum. Lá era mata virgem. Depois que nós estávamos muitos anos, morávamos lá, que eles [grileiros] vieram (Urbano, 2018).

Lá a vida era boa demais, porque tudo era unido. O chefe lá era o meu pai, ele era o cacique, chamavam ele de carai, que era o cacique. Ele falava com todo mundo, todo mundo distinguia ele, ninguém falava mais nada, quando ele falava, todo mundo respeitava ele. Fazia o que ele mandava fazer lá... Falava mais era o Guarani, eu aprendi o Guarani, só falava o guarani. Português se falava só quando vinha alguém de fora, já na década de 1970. (Urbano, 2018)

Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguari, Cocalinho - MT

A nossa terra era boa. Terra de bacurizal. Fazia roça lá, plantava arroz, dava muito arroz lá. Arroz, mantimento, deu muito lá. Mandioca tinha plantado lá, abacaxi tinha muito lá. Nós plantava tudo lá. Todos nós tinha roça, era tudo junto. A roça era tudo junto. Cada qual colhia o seu, mas a roça era como um mutirão. Fazia as tulhas e já colocava o arroz lá dentro. Nós fazia, era grande a roça. Cana. Nós tínhamos três canaviais de cana, tinha uma hectária de café. Nós plantava café para beber. Nós tinha tudo plantado. Criava gado, cavalo. Ali naquele lugar era só nós mesmo. Eu nasci e fui criada naquele lugar mesmo. (Rosa, 2018).

Nós fazia roça grande. Cada um plantava a parte dele, mas a roça era tudo junto. Na hora de colher arroz todo mundo juntava, depois batia o arroz e repartia. Cada um levava o seu. Nós plantava milho, arroz, abóbora, mandioca, tinha tudo lá, canavial, fazia farinha, tinha bananal, fazia rapadura. A roça era grande, nas partes altas nós plantava milho e na mais baixa plantava arroz. Do milho fazia pamonha, curau, mingau, bolo. Dava para os animais, tinha galinha, porco, pato. A vida era boa, depois acabou, até os índios foram embora todos. Lá era bom de caça, até hoje é. Tinha porcão, anta, caititu, tinha muito bicho. Até hoje tem muito bicho, paca tem demais lá. Peixe também lá tem demais. (Rosa, 2018).



Família Guarani – Aldeia Jaguari, Cocalinho-MT. (Arquivo Família Urbano P. Silva)

Conflitos e assassinatos na Aldeia

O meu pai chamava André e o irmão dele chamava Venaldo. Eles falava que morreu muita gente matada lá, mas não falava o nome e eu também não conheci quem matou. Esses que morreram eu não conheci também, mas eles falava que lá morreu muita gente matada.

Na Aldeia Jaguari, até 1970 tinha setenta famílias lá. Ela [Rosalina] morava lá perto de casa. Em 73 mudaram para lá. Eles moravam lá, era nove quilômetro retirado. De vez em quando eu ia na casa dela.

Até 78 foi tranquilo. Depois que a estrada abriu de Cocalinho para Água Boa lá acabou. Aí começou a chegar gente, ameaçar o povo lá. De 78 para cá acabou. Os fazendeiros foram entrando, invadindo a terra, fazendo cerca, cercando. A nossa terra já era cercada. Nós mesmo cercamos. Antes não tinha nada cercado lá. Começaram a matar

os índios lá e aí começaram a sair. Ficaram com medo e saíram. Um pouco morreu, um pouco foi para Marabá, no Pará. Ficou esparramado.

O povo começa ir embora [em 1978 e] em 1979 não tinha mais ninguém lá na Água Preta. Mas até hoje tem um lugar, tem um sinal lá ainda do lugar da casa, vê direitinho lá (Urbano, 2018).

O meu pai foi matado lá e o irmão dele, o Venaldo, morreram no mesmo dia. Os dois morreram lá, meu pai e meu tio... Os outros parentes todos falaram: “vamo embora se não vamo morrer todos também” e foram para o Pará, Marabá. Nós sabemos quem mandou matar... Eles mataram no meio da estrada para lá. Nesse dia não queimaram as casas não. Pegaram os dois na estrada e por lá que mataram. Eles iam lá para casa, vinham da Água Preta para Moiamala, ali que mataram, no meio da estrada.

Com a morte do meu pai e do meu tio acabou a aldeia Água Preta. Ninguém mais foi lá. Depois a minha sobrinha e meu irmão foi tudo morar no Moiamala, primo, prima. A minha sobrinha era a Maria. Casou com o irmão da Rosalina, com o Oneci. Eles tiveram quatro filhos, tudo morava lá. Oneci já morava lá, ele não saiu quando o pai foi expulso... (Urbano, 2018).



Cemitério Aldeia Jaguari, Cocalinho-MT. (Arquivo Família Urbano P. Silva)

Grilagem das terras

Depois de 1979, nós fazia a cerca e o fazendeiro ia arrancar. Quando estava só nós lá, foi naquele tempo ainda nós começava a fazer cerca para colocar o gado, aí o fazendeiro ia lá e arrancava, tirava a cerca, cortava com alicate o arame, levava o arame de novo.

O grileiro mandava os pistoleiros matar. Ele mandou tirar nós da aldeia. Naquela época nós estava sozinhos lá. O meu povo já tinha ido embora tudo com medo de morrer. O grileiro falava que ia matar todo mundo lá e ameaçava. Eles foram saindo todos de lá. Eu falei: “não! eu vou ficar por aqui mesmo”. Mas ele era perigoso, ele mandava matar, ele comprava tudo. Pagava para ir policial lá.

Depois que o nosso pessoal foi embora [1979] ninguém chegou mais para mexer com a gente. Foi só depois de 83 para cá que começou a incomodar de novo. Eu já estava junto com ela (Rosa). Eu passei quase quatro anos sozinho lá [1979-1983]. Eu não queria sair, aí fiquei lá. De vez em quando o grileiro passava lá, ele falava que tinha que sair porque lá era perigoso demais. Eu falei: “não! eu não vou sair não, eu não vou sair daqui não, eu moro

Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguari, Cocalinho - MT

aqui muitos anos como que eu vou sair daqui?” Ele falava: “você tem que sair porque aqui é perigoso, uma hora você vai morrer. Ai ninguém vai saber que você morreu aqui, ninguém vai saber quem te matou aqui”. Eu falei: “não! eu não vou sair não”.

Foi assim, primeiro ele [o grileiro] se meteu na terra do pai dela [Rosalina], grilou lá. Colocou a placa lá. Colocou placa lá onde tomou a terra. Ele tirou seiscentos alqueires do pai dela aqui. Grilou lá. Isso aconteceu em oitenta e seis (86). Ele me ameaçava e dizia se eu não saísse, ele me matava. Falava assim na cara. Mandava me matar. Toda vez que me via dizia que ia meter a bala na minha cara. (Urbano, 2018).



Destruição de casa na Aldeia Jaguari, Cocalinho-MT. (Arquivo Família Urbano P. Silva)

A invasão das terras e a destruição das casas, roças e cemitério

Em 86, o grileiro que tirou de lá. Eu levei os meninos lá para Cocalinho, para estudar. O grileiro tinha arrumado uma casa para Rosa para levar os meninos para estudar. Aproveitei e fui mais eles. Estava com oito dias quando voltei lá para casa, o grileiro queimou a casa, um rancho nosso, tudinho.

Quando eu cheguei lá, o gerente do grileiro chegou. Eu perguntei: “Quem botou fogo no meu barraco aqui?” Ele falou: “ah, foi dr., ele pediu para você ir embora porque aqui está muito perigoso, você pode ir embora daqui também. Eu falei: “não, eu não vou embora, aqui não é seu, aqui é minha”. Ele falou: “O dr. está ai eu vou lá buscar ele para vocês conversarem agora”. E foi né.

Passou umas três horas e ele chegou lá. O Dr. falou: “eu queimei porque, você sabe, eu comprei aqui”. Falei: “não, eu não sei não. Você queimou a minha casa e agora eu vou lá em Brasília, eu vou levar você lá”. Ele falou: “não! não precisa fazer isso não! eu vou fazer outra casa aqui para você. Amanhã vai trazer o material para fazer a casa para você aí”. Foi lá em Cocalinho, trouxe dois pedreiros, trouxe caminhão de tijolo e fez outra casa lá. O que aconteceu foi isso, ficou com medo de levar ele em Brasília e fez outra casa.

Em 86 quando retiraram a família da Rosa eles passaram trator por cima de tudo aquilo lá. Eles passaram o correntão por cima de tudo [cemitério]. Nós conhecia, nós morava lá. Nós ía lá, acendia vela lá. Era perto da nossa casa, uns quinhentos metros da casa onde nós morava. Se nós chegar lá hoje nós sabe onde é [local onde as pessoas foram enterradas]. (Urbano, 2018).

Acabou com o que tinha também, acabou com roça, com o gado, com tudo. Nós tinha café plantado, porque o nosso quintal era grande. Nós plantava tudinho ele de café. Nós não comprava café, colhia dali. Tinha laranja, mexerica, mamão, manga. Tudo nós tinha plantado, cana. Foi destruído tudo. O pé de manga ainda continua lá.

Tinha muita criação, mas acabou com tudo, virou brabeza. Não tem ninguém lá para cuidar, virou tudo brabeza. Tinha cercado, mas eles derrubaram tudo e ficou solto. Quando botou fogo na casa eles arrebentaram com a cerca toda, foi em 1986. (Rosalina, 2018).

Ele fez muita cerca dentro da terra nossa. Ele fez divisão de cerca e já passou para outra pessoa. Não fez pasto não fez nada, só fez divisão de cerca. A parte que ele vendeu era de 600 alqueires. Depois que entrou já pegou a parte do meu pai, da parte dela ai e tudo. Eles consideravam que tudo ali era deles. Primeiro ele fazia divisa, ai cercou tudo para ele.

Ele tomou a terra que era nossa, minha e do Urbano e do meu pai, foi tudo. Ele queria tirar nós. Como nós não saímos ele foi colocando cerca, cercado de tudo. As cercas chegavam bem perto das nossas casas. (Rosalina, 2018).

O Cristalino vai até o Moiamala e a terra dele vai só até o Cristalino. Ai ele já pulou do Moiamala até pro aperto. A terra deles era do Cristalino até o Moiamala, agora como ele tomou de nós, pulou até a Água Preta. Tomou e ficou com tudo, o Curixão, Cristalino, Moiamala e Água Preta. (Edson, 2018).



Curral destruído na Aldeia Jaguari, Cocalinho-MT. (Arquivo Família Urbano P. Silva)

Expulsão

Até 1978 tinha muita gente, tinha mais de 40 pessoas. Em 1978 a minha família foi embora tudo. Em 80 fiquei sozinho na aldeia, porque saiu todo mundo de lá. Eu fiquei sozinho lá no barraco, nem era casado. O vizinho mais perto que tinha era o pai dela (Rosalina). Depois eu casei, foi em 83, casei com ela.

Depois que o pessoal foi embora tudo, ninguém chegou mais para mexer com a gente. Foi só depois de 83 para cá que começou a incomodar de novo. Primeiro foi o doutor que mexeu com nós. Levou um caminhão para colocar os nossos trem e levar lá para fora, para a fazenda, para poder tirar nós. Falou que era só para trabalhar, mas era mentira. Ele pegou os trem nosso tudinho para poder tirar nós. Mas graças a Deus, que Deus ajudou e o carro quebrou. Ai eles trouxe as nossas coisas para a terra de novo, ficamos lá. (Urbano, 2018).

Ele viu que nós não ia sair mesmo, nós demo bronca que não ia sair. Eles tocou fogo em tudo na nossa casa. Ai o Urbano falou: “agora você vai me dar outra casa”. Ai ele falou, não precisa dá parte de mim que eu vou fazer outra casa, que é essa ai, essa casa que está ai [mostrando uma fotografia]. Que nossa casa era um barraco mesmo, um barraco de palha. Ai eles fizeram essa de material para nós. (Rosalina, 2018).

O grileiro viu que o doutor não deu conta de tirar nós. Ai ele foi e fez isso também, queimou tudo, derrubou a nossa casa, acabou com o que nós tinha de plantação e de criação. Ele falou que só ia levar nós na cidade para colocar os meninos na escola e assim ele queria tirar tudo. Eu falei para o Urbano que nós não ía levar as coisas, nós ía deixar, levar só o pouquinho mesmo. Ele falou: “não! vocês têm que levar tudo, como é que vocês vão fazer sem as coisas?”. Eu falei: “não! chega lá nós dá um jeito lá”. Ai ele viu que nós não ía sair mesmo. Ele fez isso, derrubou a nossa casa.

Em 1986, a casa do meu pai era retirado nove quilômetros da nossa casa, da aldeia. Foi para tirar o meu pai de lá, eles foram lá e disseram que era para sair mesmo. Ele levou as duas polícias e levaram pistoleiros junto para tirar o meu pai de lá. Quem tirou nós de lá foi o doutor mesmo.

Primeiro tentaram tirar nós assim: levou uma camionete para poder levar nós para outra fazenda. O meu pai já tinha o documento de lá que era o mapa, eles pegaram e sumiram com esse mapa dele. Levou as polícias lá para tirar o meu pai. Levou um caminhão para por as mudanças. Tirou os trem da casa e botou fogo na casa. Lá tinha seis casas, seis barracos, ainda tem as marcas lá. Foram violentos, porque eles falavam se o meu pai não fosse embora eles iriam matar ele. Ou saía vivo ou saía morto. Meu pai, o que ia fazer? Saiu. (Rosalina, 2018).

Ai eles botou pistoleiro lá, para não deixar mais voltar para a terra. O dia que eles foram tirar a nossa mudança foi no dia da semana santa. Ai ficou pressionando para tirar o gado e desocupar a terra.

No dia que meu pai veio para Cocalinho só ficou eu e meu irmão lá. Ai chegou lá para nós tirar os trem. Chegou o caminhão lá com a polícia civil para retirar os trem e desocupar a terra. Chegaram lá com o caminhão e falaram: “olha, vocês têm que desocupar, vai correr o processo para ver se vocês voltam de novo”. Estava eu e meu irmão lá. Entregaram um papel lá que era de despejo. (Edson, 2018).



Aldeia Jaguari, Cocalinho-MT. (Arquivo Família Urbano P. Silva)

Dispersão da família e do povo

Agora o José mora no Pará. Ele deixou a aldeia em setenta e oito, tinha medo de morrer. O branco ia lá e ameaçava. Chegava lá e ameaçava se não fosse embora, ia matar todo mundo... De vez em quando eles matavam um. Ia fazendo medo, fazendo ameaça. Se não saía eles matava mesmo. Quando o José saiu, ele já era casado com a Bastiana, que também morava na aldeia Jaguari. O pai dela chamava Albino, que também era Guarani, era parente do meu pai. Ele era casado com Ivá, o nome branco eu não sei. Também teve outros filhos, o nome dele era Arlindo, também morava lá. Tem outra filha dele que chamava Glória. Quando os pais saíram de lá eles acompanharam a turma. Todos moram no Pará, Marabá... Albino morreu na aldeia, de doença... Dona Ivá está viva, mora no Pará junto com o Zé. Ela está bem velha.

O Bastião está em Goiás, aqui em Nazara. Ele casou com Nair, que morava em Cocalinho, ela era branca... Com ela não teve nenhum filho, com outra mulher tem quatro filhos, [primeira esposa] ela chamava Maria Aparecida, que também era de Cocalinho.

O Joaquim faleceu antes de casar, morreu de febre amarela, deu nele e morreu. O João morreu da febre também. Ele era o mais novo, o caçula, não casou. Tem um pessoal também, o Dorico, é o meu tio. Ele era irmão da minha mãe. Ele nunca casou. Morreu de pneumonia.

Esse João, Dorico, Juninho, tudo era filho da irmã da minha mãe. Tinha também a Benedita, que era filha do Paulino com a minha avó. Ela morava lá na aldeia e morreu também de doença. O Raimundo, marido dela também morreu, ele morava na aldeia. O Raimundo era filho do João Lopes. João Lopes era casado com Valdeci, ela veio junto do Paraguai, morava também na aldeia.

Tinha o Tarcilo. Morreu também de doença. Tinha o Júlio, morreu de doença também. Tem a irmã dele que é Joana. Ela não casou, morreu ainda moça. O Tarcilo casou com meu parente, minha sobrinha, filha da Maria. Aparecida que era o nome dela. Maria era minha irmã. Ela tem filhos. Aparecida morreu no Maranhão. Tarcilo morreu no Maranhão também. Benedito morreu lá no Marabá, Pará... Esparramou tudo para lá. Tem os Guarani lá em Marabá, aldeia Jacundá. Eu já fui lá. Tem uma aldeia, não é muito grande não, mas é grandinha. Na beira do Tocantins, do lado de lá, quem vai lá para o Belém do Pará. (Urbano, 2018).

Quando eu entendi por gente já tinham desmanchado a aldeia. Ai era só nós mesmo, meu pai, minha mãe e meus irmãos. (Edson, 2018).



Crianças Guarani da Aldeia Jaguari, Cocalinho-MT. (Arquivo Família Urbano P. Silva)

Prisão

Foi em 2009. Fomos pressionando nós para tirar o gado logo. Mas, antes eles foram com a polícia lá, foram atrás de arma. Falaram: “esse povo tem arma, vamos desarmar eles”. Foram lá, tomaram as armas, levou o meu irmão preso, me levou também. Nós tinha arma de caça e a FUNAI ia lá e falava que nós podíamos usar a arma. A gente mantinha essas armas lá para a gente matar caça. Nesse dia da prisão só estava eu e meu irmão lá. Nós estávamos limpando a roça para poder plantar. Eles levaram as armas e falaram que era para nós dizer que a arma era só de um para não ir os dois presos. Eles falaram: “olha, fala que a arma é só de um, porque só um vai preso e o outro fica”. Parecia que estava fazendo acordo com nós. Eles falavam que nós tinha direito de usar aquelas armas para caçar. Ai nós usava. Quem dava assistência para nós era o seu Edson da FUNAI. Eles defendeu a gente, tirou o meu irmão da prisão. Eles [grileiros] inventaram que nós ameaçava eles com arma, mas não era. Depois que eles tiraram nós de lá eles colocaram pistoleiros lá, eles andavam com 12, só arma pesada. (Edson, 2018).

CRONOGRAMA DE EVENTOS OCORRIDOS COM O POVO GUARANI DA ALDEIA JAGUARI - COCALINHO/MT	
1912	Saída do Paraguai. André com os pais passa por Cuiabá vai a Jatai, Jussara e Cocalinho
1940	Massacre de Guarani na aldeia na década de 1940
1950	Urbano nasceu na cidade de Jussara, retornou para aldeia Jaguari com 15 dias de vida. Cresceu o número de pessoas na Aldeia Jaguari.
1970	Nasce Rosalina Carneiro da Silva na Aldeia Mamore, foi registrada em 1971. Eram 10 famílias.
1978	Chegada dos primeiros migrantes e início dos conflitos. Várias famílias ameaçadas e com medo abandonam a Aldeia Água Preta e Molha Mala. Forte conflito com fazendeiro e pistoleiro, presença da polícia civil e militar. A Aldeia Água Preta desapareceu com a retirada dos Guarani.
1983	Urbano e Rosalina casam e permanecem na Aldeia Molha Mala, onde nasceram os quatro filhos.
1986	Conflito com o fazendeiro, pistoleiro e polícia na Aldeia Morere. Carregaram os móveis, panelas e pertences no caminhão do fazendeiro, que os levaram à periferia da cidade de Cocalinho e atearam fogo nas seis casas da Aldeia, ação de Ailton de Paulo (gato) e pistoleiro.
1998	O fazendeiro queimou a casa do Urbano e depois construiu outra.
2003	Primeiro reconhecimento do grupo Guarani pela Funai, com encaminhamento de documentação.
2006 - 2008	Recebeu apoio da Funai com sementes e insumos para o plantio das roças.
2009	Fevereiro o filho Anderson foi preso por crime de porte ilegal de arma, permaneceu 23 dias na cadeia de Água Boa, saiu com a ajuda do advogado da FUNAI. Em abril o fazendeiro mais dois policiais e quatro pistoleiros carregaram à força dos bens da família de Urbano, expulsando da terra e despejou os pertences em uma casa da cidade.
... 2018	Luta pelos direitos e para o retorno à Aldeia Jaguari.

Busca de apoio em defesa dos direitos

Mandamos muito documento para FUNAI e outros órgãos do governo pedindo apoio. Em 2003 a FUNAI foi na área e viu a nossa situação. Tem o documento ai.

“comprovamos a degradação imposta ao Urbano Guarani, quando, a seu pedido, fomos ao encontro de um elemento chamado Clóvis, que, evidentemente não portava documento, empreiteiro de serviços na região - gato - que o contratara para abertura de aceiro e simplesmente se negava a pagar, além de ameaça-lo com denúncia na Delegacia local, onde segundo ele,

já estaria tudo acertado ou, pior ainda, agredi-lo fisicamente. Em nossa presença, o Sr. Clóvis, confirmou dever, assegurou-nos que não efetuou o pagamento porque o contratante Hugo Frota Filho, não lhe repassara o numerário comprometido. Acrescentando ainda, que o faria tão logo o recebesse”. [FUNAI Administração Executiva Regional de Goiânia].

Também tem essa carta que mandei para a FUNAI, pra [Ministério da] Justiça, Ministério Público Federal, que falava da grilagem da nossa terra e das ameaças que sofremos:

“estou pedindo ajuda do Governo Federal. Estou pedindo para me proteger e a minha família porque estamos ameaçados de morte, estou com medo e preocupado com minha família, porque se eu morrer não vai ter ninguém para olhar por eles. Minha mulher Rosa, foi enganada pelo Dr. Hugo quando tomaram as terras dos pais dela. Quero só o que é meu e pelo que lutei por muitos anos quero justiça, não quero briga, quero que as autoridades me ajudem a defender os meus direitos e me protejam”.

Tem esse documento da FUNAI, [MEMORIAL Nº 050/AT/AERGYN], eles vieram aqui, viram a nossa situação.

“Diante da gravidade da situação e dos constantes telefonemas de Dona Rosa, esposa de Urbano, informando, inclusive, da venda recente das terras para terceiros, com recrudescimento das ameaças, é que estamos reiterando a necessidade da presença da FUNAI, acompanhada de Agentes da Polícia Federal, da locação de viatura compatível com o trajeto à ser percorrido e das aquisições eventualmente necessárias e dos imprescindíveis, como combustível e de gêneros alimentícios para Urbano e filhos, visto estar proibido o plantio das roças de subsistência”.

Nesse outro documento o dr. Edson [coordenador da Área Xavante e Administrador Executivo Regional da FUNAI/Goiânia-GO] nos apoia, mas não aconteceu nada.

“Solicitamos a gestão da Vossa Senhoria, no agendamento de reunião com a diretoria de Assuntos Fundiários - DAF, devendo estar presente este Administrador e membros da Comunidade Indígena mencionada para tratar de assuntos relacionados a possível criação de um Grupo de Trabalho – GT, para a realização dos estudos necessários para o reconhecimento da presença dos índios Guarani a aproximadamente 48 (quarenta e oito) anos no município de Cocalinho – MT, conforme relatado na documentação (anexo)”. [Documento endereçado à Coordenação Geral de Defesa dos Direitos Indígenas].

Mesmo com tudo isso, em 2009 nós fomos expulso e o meu filho foi preso. Mandamos mais carta para a FUNAI, pra gente organizar o povo que estava com dificuldade e todo esparramado. Tem essa aqui [2012 para FUNAI]: *“A minha reivindicação à FUNAI é para que seja criada uma terra indígena no local, que possa me devolver o que me foi tirado”.* Em 2016 fomos falar com o Dr. Wilson [Procurador da República] em Barra do Garças e agora de novo [2018, reunião com o Dr. Éverton Pereira]. Mas com tudo isso ainda estamos aqui, sofrendo. Nós queremos a nossa terra que foi tomada, é nosso direito. Quando meu pai chegou aqui não tinha ninguém.



Reunião de representantes do Povo Indígena Guarani de Cocalinho-MT na Procuradoria Geral da República, Barra do Guarças-MT. (PNCSA-MT)



Oficina de Mapas do Povo Indígena Guarani de Cocalinho-MT, Barra do Garças/MT. (PNCSA-MT)

Sr. Procurador Éverton Pereira Aguiar Araújo
Ministério Público Federal em Barra do Garças

Eu **Urbano Pereira da Silva**, cacique do povo Guarani, da Aldeia Jaguari, conhecida como Moiamala, município de Cocalinho, MT, portador do RG 2100185-5 – SSP/MT, e mina esposa **Rosalina Carneiro da Silva**, portadora do RG 1471071-4, SSP MT, em nome dos demais membros do nosso povo, vimos por meio deste solicitar do Ministério Público Federal providências para o reconhecimento e restituição dos nossos direitos territoriais, como povo indígena que vivia na Aldeia Jaguari, entre os rios Moia Mala e Água Preta desde a década de 1920, cujo território foi tomado por grileiros e fazendeiros da região, com uso de violência, conforme é de conhecimento destes Ministério e da FUNAI, no ano de 2009, nos obrigando a viver dispersos, fora da nossa terra, passando dificuldades para a nossa sobrevivência.

Os nossos avós e pais chegaram nesta região no início da década de 1920, saindo do Mato Grosso do Sul, fronteira com o Paraguai, passando por Cuiabá, entrando no estado de Goiás, passando por Jataí e Jussara. Em território mato-grossense, a 86 km da sede do município de Cocalinho, estabeleceram a Aldeia Jaguari.

Conforme relato dos nossos pais, quando ali chegaram essas terras eram virgens, não havia nenhum morador na região, era mata virgem. Ali construíram suas ocas (casas), suas roças, criaram seus filhos e constituíram suas famílias. Assim permaneceram sem a presença de outros moradores ou proprietários até o ano de 1978.

A partir de 1978, com a chegada de fazendeiros e grileiros na região, a nossa comunidade passou a ser ameaçada e pressionada para deixar as terras onde morávamos. Por medo das ameaças de morte alguns parentes, entre eles irmãos, primos, tios e sobrinhos saíram da terra para morar em outras regiões, como em Marabá, Sul do Para, e cidades em Mato Grosso e Goiás.

Em 1979, o meu pai André Pereira da Silva e o seu irmão Vernalro Pereira da Silva foram assassinados, dentro da aldeia. Os seus corpos foram enterrados no cemitério da Aldeia Jaguari. Em decorrência dessa violência a população da Aldeia Jaguari a margem do rio Água Preta abandonou as suas casas, que foram queimadas e destruídas pelo mandante dos crimes. Apenas a minha família permaneceu na Aldeia jaguari, a beija do córrego Moia Mala, e a família da minha esposa, na aldeia Morere.

Constantemente as nossas terras passaram ser invadidas por fazendeiros da região, que retiravam madeira, destruíam as nossas cercas, o nosso curral e soltavam o gado nas nossas roças de milho, mandioca e arroz, comprometendo as nossas condições de sobrevivência.

Em 1986, um fazendeiro da região, acompanhado de dois policiais e quatro pistoleiros, armados, chegaram na aldeia Morere, fazendo ameaças de morte caso a família da minha esposa e demais moradores não deixassem a terra. Colocaram alguns dos pertences no caminhão, juntamente com as famílias, e os levaram até a sede do município de Cocalinho, despejando na rua sem local para ficar. Na sequência as casas, as roças e demais pertences foram destruídos e queimados. As famílias ficaram sem lugar de moradia na cidade, sobrevivendo da ajuda da população local.

Em 07 de novembro de 2003, realizamos uma denúncia junto a FUNAI, Ministério da Justiça, Ministério Público Federal, Procuradoria da República e outras autoridades, sobre a situação de ameaças que continuamos a sofrer e sobre as nossas condições de vida. Em consequência dessa denúncia e solicitação, a FUNAI fez o Memorial 050/AT/AERGYN, reconhecendo e descrevendo a situação denunciada, sugerindo providências de ação imediata da FUNAI para identificar e reconhecer a área como Terra Indígena e dar apoio com alimentação para a

família que estava impedida de cultivar suas terras. A partir desse momento a FUNAI passa a reconhecer o nosso povo e seus direitos, fornecendo alimentos e apoio jurídico. Por razão que desconhecemos a FUNAI não deu continuidade a solução dos nossos problemas, nos deixando sem apoio e desprotegidos.

Em fevereiro de 2009 o nosso filho foi levado preso por acusação de porte de armas, quando ficou 23 dias preso na cadeia de Água Boa, sendo liberado por intervenção da FUNAI. Em abril do mesmo ano, após sucessivas ameaças e invasão do nosso território, a nossa família foi expulsa da terra e hoje estamos residindo em situação de dificuldades na cidade de Cocalinho.

Diante de todos os problemas que estamos vivendo, em que os nossos direitos territoriais ainda não foram reconhecidos, os nossos direitos como cidadãos e indígenas não estão sendo respeitados, solicitamos do Ministério Público Federal providências urgentes para assegurar os nossos direitos sobre o nosso território tradicionalmente ocupado, fazendo identificação e realizando a demarcação do mesmo, assegurar o nosso reconhecimento formal como povo indígena Guarani da Aldeia Jaraguari, município de Cocalinho, providenciando os nossos documentos indígenas, e garantir assistência à saúde, alimentação e educação para a população do nosso povo, que apenas no município de Cocalinho totalizam 63 indígenas, dos quais, 11 são crianças e adolescentes.

Urbano Pereira da Silva

Cacique do povo Guarani Aldeia Jaguari

Rosalina Carneiro da Silva

Indígena Guarani Aldeia Jaguari



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante
6. Comunidade Quilombola Buriti do Meio Núcleo
7. Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso Kalungueiros na Luta Pela Regularização do seu Território - Minas Gerais
8. Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino
9. Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguari, Cocalinho - MT /



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

PNCSA

Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Nova Cartografia Social do Brasil
**PROJETO BRASIL
CENTRAL**



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso



FORD FOUNDATION

